



Templo do sol em Cusco

Muitos dos nossos leitores, sem duvida, têm conhecimento da curiosa historia e variedade de conhecimentos politicos e moraes da descoberta e invasão do Perú e do Mexico pelos hespanhoes. Alguns detalhes dos costumes d'este povo, tão cruelmente tratado pelos seus novos senhores, e do estado da sua civilisação e crenças religiosas pareceu-nos ser de algum interesse para os nossos leitores. Começaremos pela descripção dos costumes religiosos e do sumptuoso templo que tinham elevado ao sol, descripção em grande parte tirada d'um auctor hespanhol, nascido no Perú, Garcilasso de la Vega.

Como as bellezas d'este templo, diz este historiador, estão acima da imaginação humana, não ousaria transcrevel-as aqui se os escriptores hespanhoes que têm escripto sobre o Perú, não estivessem de accordo comigo; mas nem o que elles disseram nem o que eu acrescentarei é capaz de dar uma idéa exacta da riqueza d'este monumento religioso.

As quatro paredes do templo de alto a baixo eram forradas de laminas de ouro. No altar principal via-se a figura do sol, feita tambem de

uma lamina de ouro, mas mais grossa e de uma só peça, tendo o rosto redondo e cercado de raios e chammas. Era este o unico idolo que ali se via, porque os indios não têm outro, apesar de alguns escriptores não serem conformes sobre este ponto.

Logo que os hespanhoes entraram na cidade de Cusco, esta figura do sol coube, por sorte, a *Manco Serra de Lequicano*, gentilhomen castelhano, o qual, sendo grande jogador, e embarcando-o muito as dimensões gigantescas do sol, jogou-o e perdeu-o n'uma noite, o que deu logar ao proverbio: *Joga o sol antes que seja dia.*

Nos dois lados da imagem do sol estavam os corpos dos reis do Perú, collocados segundo a sua antiguidade, e tão bem embalsamados, diz Garcilasso de la Vega, sem se saber como, que pareciam vivos. Estavam sentados em thronos de ouro, sobre chapas do mesmo metal.

Todas as portas do templo eram chapeadas de laminas de ouro, e em volta das paredes do templo via-se uma grinalda de ouro, de mais de uma vara de larga.

Ao lado do templo havia um claustro, cujas

paredes eram ornadas por cima de uma grinalda de ouro; depois que os hespanooes se apoderaram do paiz, substituíram-n'a por uma de ferro branco.

Em torno do claustro havia cinco grandes pavilhões quadrados, cobertos em forma de pyramides. O primeiro era destinado a servir de pouxada á lua, irmã e mulher do sol, e a mãe da familia dos incas. As portas e paredes eram guardadas de laminas de prata, por analogia com o aspecto da lua, cuja figura era representada como a do sol, com a differença que era sobre uma lamina de prata, e tinha rosto de mulher.

O segundo, proximo do primeiro, era destinado a Venus; o terceiro consagravam-n'o aos relampagos, aos trovões e aos raios.

Não olhavam estas tres cousas como dos deuses, mas como domesticos do sol, e a este respeito tinham a mesma opinião que os idolatras de Roma e da Grecia, que julgavam os raios como um instrumento da justiça de Jupiter.

O quarto pavilhão fôra consagrado ao Arco Iris, porque procedia do sol, e o quinto, finalmente, era destinado ao grande sacrificador, e outros apostolos, que tomavam parte no serviço do templo, os quaes deviam ser todos de sangue real dos incas. Era n'este pavilhão que se reuniam para audiencias e outros misteres, mas não era permittido ali dormir.

Além dos cinco pavilhões de que acabamos de fallar, havia na casa chamada do sol muitos quartos para os padres e outros serventuários do templo, mas só para a raça inca, que era privilegiada, porque qualquer indio, por muito elevada que fosse a sua posição, não lhe era permittido penetrar n'aquelle recinto sagrado. As mulheres também não podiam ali entrar, ainda que fossem a mulher ou filhas do rei. Os padres faziam o serviço do templo ás semanas, e durante este tempo não saíam nem viam a familia.

Entre os templos, que foram dedicados ao sol no Perú, e que eram pouco mais ou menos comparados com o de Cusco, existia na ilha *Titicaca*, um mais notavel, que era um logar de particular veneração para os peruvianos, porque os seus apostolos lhes tinham dito que os primeiros incas, filhos do sol, ali se haviam fixado, quando este deus os tinha enviado á terra para ensinar aos povos barbaros os seus deveres religiosos e os segredos das artes.

Fazia-se n'este templo o mesmo serviço que no de Cusco, a riqueza, porém, que possuía era fabulosa, proveniente de donativos, e quando os peruvianos se aperceberam de que os hespanhoes se apossavam de tudo, lançaram-n'a toda ao rio que cerca aquella ilha!

Terminamos a descripção, em resumo, das maravilhas do templo de Cusco, que, segundo referem alguns historiadores, era também ornado de um grande numero de arvores de fructo, de ouro, de prata e outros materiaes preciosos fabricados com muita arte, o que de certo não contrastava com os utensilios de que se serviam.

POETAS E PROSADORES

(Continuado de pag. 132)

É um estranho poema o que o sr. Ernesto Marecos escreveu com o seguinte titulo: *A Morta*.

É incontestavel que ha n'elle torrentes de inspiração, que o lyrismo desprende as azas e penetra muitas vezes nas espheras do sublime; não creio porém que um poeta meridional, e que possui em tão elevado gráo as qualidades dos poetas que nasceram n'este paiz, onde o sol tem tanto esplendor, fizesse bem em escolher um assumpto mais proprio da musa sombria de Burger, ou da penna caprichosa, extravagante, e friamente lugubre d'Hoffmann ou d'Achim d'Arnim.

Eu não sei se foi Alexandre Dumas que disse que debaixo do céu de Napoles não havia logar para espectros, e que as aparições sombrias refugiam aterradas do luz claro e limpido da formosa Parthenope; de Portugal lembra-me bem que disse Garrett quasi o mesmo, e que ao renegar na *D. Branca* dos aureos numes d'Ascreu, protestou ao mesmo tempo contra a invasão dos espectros ossianicos da Caledonia, optando afinal pelas fadas nacionaes, tão risonhas e tão suaves, que penteiam na noite de S. João, noite mais clara e luminosa do que um dia de Inglaterra, as suas tranças negras com o pente d'oiro á beira das fontes crystallinas.

E com effeito eu creio que o nosso luar tão argenteo, tão immaculado, que espraia torrentes de luz tão candida pelos nossos floridos vergeis, pelas nossas viçosas veigas, ha de offuscar os mortos costumados á profunda escuridão dos sepulchros. A lua ingleza, sim, essa é soturna e baça como lampada tumular, mas a nossa é radiante como o facho do Eros hellenico; a nossa derrama fulgor e com o fulgor a vida, a nossa póde confundil-a também Julieta facilmente com o despontar da aurora, e, se ao seu esplendido clarão alguma sombra ousa mostrar-se, não é senão a que projecta debaixo da varanda, engrinaldada de madresilva e baunilha, o vulto airoso de Romeu.

Comparemos os nossos cemiterios com os cemiterios do norte; que profunda differença ha entre elles! concordo que têm estes ultimos uma poesia mais profunda e mais sentida, que os nossos são profanos, alegres, jardins d'onde a idéa da morte parece ser cuidadosamente proscripta, que os seus tumulos alvejantes á noite riem ao luar nas suas lamedas alinhadas, e que se espera a cada momento ouvir o descante d'uma guitarra nos degrãos d'um branco mausoléu, mas isso mesmo nos prova que a poesia da morte não é a nossa, que ha aqui superabundancia de vida, que o sol radiante e a lua candida chovem á competencia torrentes d'alegria sobre esta terra indolente, e a que a propria melancholia caracteristica da nossa raça, e que tempera docemente a nossa vivacidade meridional, não é a melancholia soturna d'Young, mas a melancholia saudosa de Bernardim Ribeiro.

Que estranho assumpto foi pois o sr. Ernesto Marecos escolher para apresentar ao publico! Um homem, que, desilludido e descrente, vae ser por vocação guarda d'um cemiterio! que se apaixona por uma formosa morta, formosa, mesmo na sua

pallidez sepulchral! que passa com ella uma noite d'amor na capella funeraria! que a enterra emfim, e que vae junto da sepultura anhelar por que Deus o chame a unir-se com a finada que ainda estremece! que vê uma noite os mortos levantarem-se dos tumulos e divagarem pelas lamedas do cemiterio, tão sem cerimonia como se estivessem no passeio da Estrella! e que emfim consegue aquillo porque tanto aneeia, morrendo debruçado sobre a sepultura da sua funebre amante! Isto era assumpto, que um poeta allemão lhe invejaria! Que soberbo conto para Hoffmann! Como elle desenrolaria ali as suas procissões d'espectros! Que scenas d'horror nos pintaria! Como nós percorreriamos, pavidos e arrastados pelos cabellos, todas as devezas d'esse phantastico mundo que a musa germanica tão bem conhece! Como elle banharia os tumulos de luar pallido e frouxo! E como, n'essas paginas d'arripiar, se reproduziria mais uma vez o quadro predilecto das velhas cathedraes allemãs, a *Dança dos mortos* d'Holbein.

Mas o sr. Ernesto Marecos, adoptando esse lugubre assumpto, não pôz de parte, nem podia pôr, as suas qualidades habituaes, que são muito fogo no pensamento, muito colorido no estylo. É um discipulo de Ticiano pintando um quadro de Alberto Durer, é qualquer dos grandes pintores de genero da moderna escola franceza tendo de reproduzir os *Cavalleiros do Apocalypse* do bávaro Cornelius. D'aqui resulta uma lueta curiosa e interessante entre o estylo do poeta e o assumpto que trata; vae a ennegrecer o horisonte, e o horisonte illumina-se-lhe, quer fazer piar o mocho nas ramas da arvore dos tumulos, e de entre a aspessura do cyprestal frondoso é o rouxinol que gorgeia. Ah! mas o leitor não se queixa porque n'esta lueta continua vae o poeta semeando o terreno de perolas, e de diamantes.

Eu não me queixo tambem de ser tão florido o cemiterio; ha uma scena porém cuja descripção não desejaria que o sr. Ernesto Marecos tivesse tentado, é a da noite d'amor na capella. Não estranharia a scena, se o poeta me houvesse transportado já para a esphera do phantastico, se eu, arrancado da realidade, estivesse pairando n'esses mundos vagos e nebulosos em que tanto se compraz a imaginação dos poetas do norte, e em que não ha extravagancias que não possamos admittir, horrores que nos façam estremeecer. O espirito vive então n'essa esphera sobrenatural como na sua esphera propria, e a allucinação que se apoderou do poeta apodera-se tambem do leitor. Mas o sr. Ernesto Marecos não saio da esphera do possivel, não sentio nem nos fez sentir esses delirios sombrios em que se parece resumir a vida intellectual dos homens como Hoffmann ou João Paulo, e a scena d'amor com a morta na capella; assim apresentada de subito, sem scenario proprio, sem preparativos, sem que nem o leitor, nem o auctor, nem o heroe se alem para as regiões phantasticas, parece-nos effectivamente uma profanação, e um sacrilegio.

É tanto o heroe está a sangue frio que prevê

esta objecção que eu faço e responde a ella e argumenta dizendo:

O filho que o nome nobre
Do seu pae, que morto jaz,
Do lodo da infamia cobre
No tremedal espantoso
De paixões indignas, más:
Cada esposa que ao esposo,
Que partido é já da vida,
Em aneias d'impuro goso,
Em adulteras caricias,
Deixa a honra polluida;
Cada filha que, em delicias,
Sordidas, a mãe esquece
Que ao trabalho só fallere
Por livral-a dos abrolhos
D'este mundo; todos quantos
Sabem fingir nos seus olhos
Pela morte aquelles prantos
De mentiroso respeito,
Que não ejacula o peito;
Quantos vomita o maldito,
O negregado collegio
De hypocritas, infinito,
Simulando amor constricto
Pelos que dormem no chão;
Podem gritar «sacrilegio»
Ou bradar «profanação.»

Gritem, bradem, sim!

Deixal-os!

Não me empanam o primor
Das meiguices, dos regalos
D'aquella noite d'amor!

Aqui não ha delirio, nem sobrenatural, nem phantastico; ha um homem que pratica este acto com a consciencia de que está violando as leis mais sagradas da natureza; e, se elle abraça o corpo gelido da finada, se lhe beija os labios mortos, se lhe affaga as tranças cingidas da corôa funeral das rosas brancas, é porque as tranças ainda tem perfume, é porque os labios tem purpura, e o corpo ainda tem calor, é porque n'esse cadaver suppõe elle que existe o sopro d'uma vida ignota, mysteriosa, mas que elle tenta definir, e em que bellos versos a define:

E vivia, sim; de vida
Que não era qual a minha,
Qual a pobre mal sustida,
Que se esgota e que definha
Em ti, nos homens, em mim;
D'outra que é menos sentida,
Ou concentra o sopro todo,
Ou se vive d'outro modo,
Mas que é uma vida emfim!

N'esta scena é que se torna mais sensivel a contradicção entre o assumpto e o genero do talento do poeta, tambem é a que inspira ao leitor a impressão mais desagradavel; mas n'esse poema de tão estranho enredo encontram-se trechos lyricos de allissimo valor, taes como o cantico da noite, o cantico do cholera, a pintura da sociedade, feita com negras côres, mas com vigoroso pincel, toda a narração do heroe, desde a scena da capella até ao sepultar da morta, o congresso dos finados, desde o hymno da bacchanal, que tem movimento e originalidade, até á visão etherea que termina a scena phantastica, e no ultimo canto a lenda da sepultura quebrada.

O estylo, rico de côr e de imagens, resente-se comtudo do defeito da facilidade perigosa que o sr. Ernesto Marecos parece ter, e que o incita a deixar correr á vontade a penna, sem apurar o traço quando lhe saio incorrecto no primeiro jacto, nem decotar as efflorescencias que ás vezes se enleiam com prodigalidade demasiada em volta do pensamento do poeta.

(Continúa)

M. PINHEIRO CHAGAS.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

II

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. *De l'espr. des lois*. XX 27.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même État, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. *Dict. Gén. de la Pol. et. — Commerce*.

É curioso o apontamento das differentes colleções de leis da antiguidade e da idade media, que foram as fontes remotas de todos os codigos commerciaes modernos:

1.º *Jus Navale Rhodiorum*. A esta colleção se referem os historiadores e jurisconsultos, quando fallam do direito maritimo de Rhodes.

2.º *As Leis nauticas dos Athenienses*.

3.º *As Leis nauticas dos Marselheses*.

4.º *As Leis maritimas dos Romanos*. (Encontram-se nos repositorios diversos da legislação d'aquelle povo.)

5.º *O Consolato del Mare*. («É a colleção de leis maritimas mais conhecida em todo o mundo, mais geralmente adoptada, e tambem a mais celebre e mais antiga depois das leis gregas e romanas.») É obra dos antigos reis de Aragão.

6.º *Os Julgados d'Oleron*. (É opinião mais seguida, que estas leis foram postas em ordem pelo avô de Eduardo I, e depois corrigidas, augmentadas e publicadas na ilha d'Oleron (ilha do golpo da Gasconha, França) pelo rei Ricardo I. Tiveram grande voga logo depois do seu apparecimento.)

7.º *As Leis de Wisbuy*. (Foram compiladas na cidade maritima, chamada Wisbuy, ao norte da ilha de Gothland na Suecia.)

8.º *Leis da Hansa Theutonica*. (São as leis da famosa liga das cidades Anseaticas, conhecida debaixo da denominação de Hansa Teutonica.)

Quer Azuni que a confederação começasse em Breme no anno de 1164; e Cleirac, que lvesse principio em 1254 pelas cidades de Lubeck, Brunswick, Dantzick e Colonia. A leis e regulamentos foram publicados pela primeira vez em Lubeck no anno de 1591 ou 1597; foram depois revistos em 1614, tendo a compilação o titulo de *Jus Anseaticum maritimum*.

9.º *Leis de Amalfis*. (Falla-se de uma colleção particular, que continha a jurisprudencia naval, denominada *Tabla Amalfitana*.)

10.º *Guidon de la mer*. (É antes um tratado redigido por um particular, do que uma lei.) (1)

— Pelo decreto de 18 de setembro de 1833 foi mandado imprimir, e publicar para reger como lei n'estes reinos e seus dominios o Codigo Commercial Portuguez, obra de José Ferreira Borges.

Pelo mesmo decreto foi abolida toda a jurisdicção judicial contenciosa, que pertencia até então ao Tribunal da Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, — e bem assim a que pertencia ao Conselho do Almirantado, Juizo da India e mina, e Ouvidorias da Alfandega.

Outro decreto da mesma data mandou construir o Tribunal Commercial de segunda instancia, e os Juizos Commerciaes de primeira instancia nas cidades de Lisboa e Porto.

O Codigo Commercial Portuguez começou a vigorar no dia 14 de janeiro de 1835, em que se constituíram os Tribunaes do Commercio. — O discurso proferido por José Ferreira Borges — no acto da instauração dos indicados tribunaes — encontra-se na Chronica Constitucional de Lisboa do mesmo anno de 1834, n.º 14.

— Em um livrinho curioso, da ultima metade do seculo XVIII, li estas singulares maximas, que n'aquelle seculo tinham voga, e a tiveram ainda depois, no mundo economico.

E' conveniente que as Alfandegas sejam meias para os nacionaes, e dobradas para os estrangeiros. — O bom do author, prevendo a objecção que se lhe podia fazer, discorria do seguinte modo: «Temos acaso receio de que se não exportem os nossos generos? Não devemos ter, porque os estrangeiros têm precisão dos nossos generos: um tal terror é panico.»

A nenhuma nação se deve permittir maior importação do que ella permite aos nossos, nem que ella seja conduzida pelos estrangeiros. — Para aqui adduzia um argumento singularissimo: «Se a lei de talião é santissima, por que se não hade executar entre nações independentes, ou que tem direitos eguaes para exportarem e importarem os seus bens?»

Antes se deve regular annualmente quanto póde cada nação este anno importar e exportar, attendidas todas as necessidades reciprocas, e pactuar com ella, que nos faça o mesmo.

Queria que todo o navegante, ou qualquer pessoa que tivesse commercio externo fosse obrigado a importar alguns generos necessarios ao seu paiz, — e acrescentava: *Devem os sabreditos vender mais barato aos seus nacionaes; principalmente quando são favorecidos pela seguinte lei*: «S. Paulo mandou ser mais liberal para os domesticos da fé, e por força de maior rasão mandaria ser

(1) Vêja o desenvolvimento d'esta simples indicação nas — *Fontes proximas do Codigo Portuguez* — pelo Bacharel Gaspar Pereira da Silva. Porto. 1843. Pag. 352 a 357.

Ali são citados os escriptores e compiladores que detidamente se occupam d'estas especialidades.

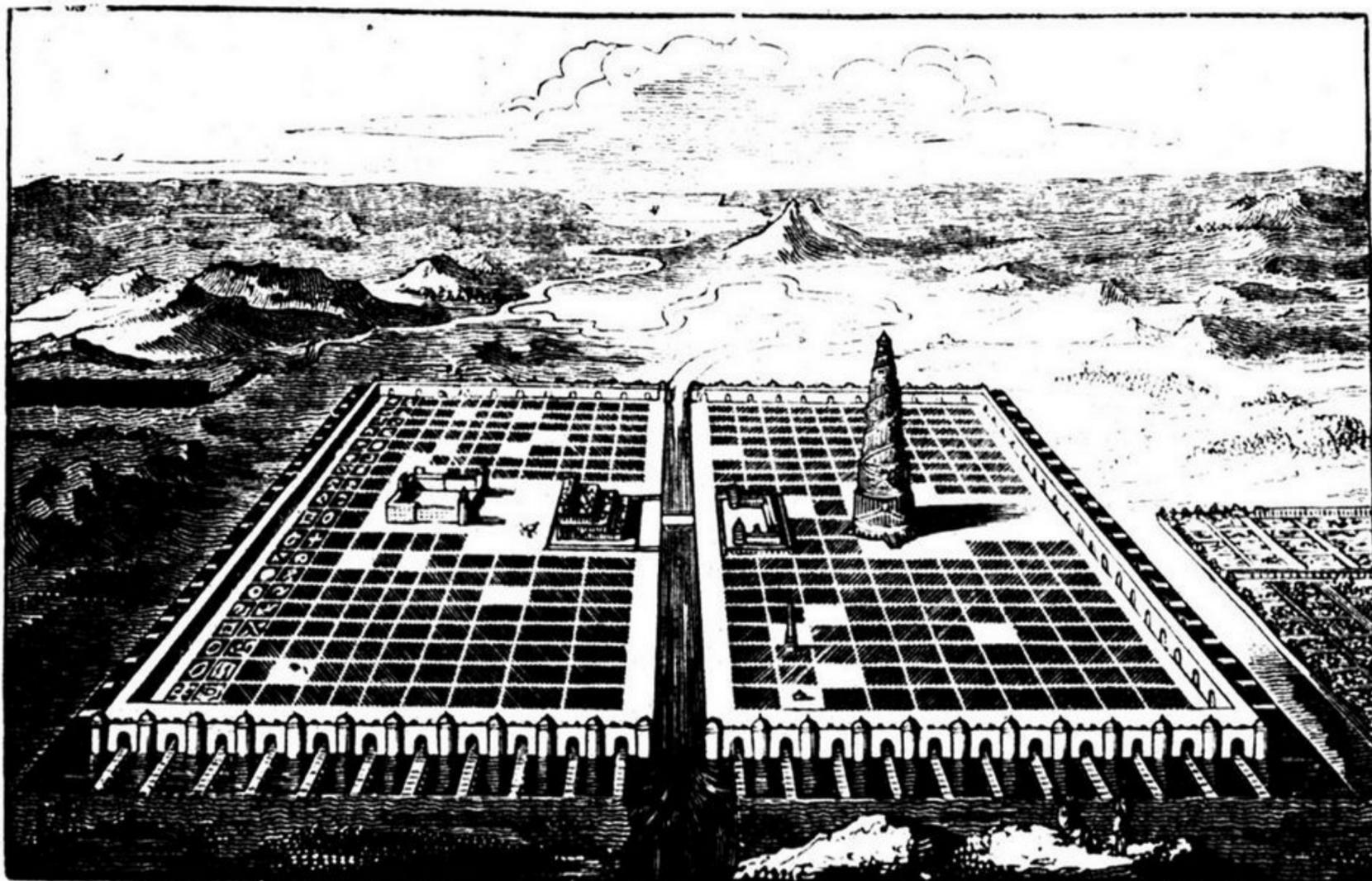
São muito expressivos os termos em que José Ferreira Borges falla das colleções maritimas, chamando-lhes: *preciosos monumentos da antiguidade escapados á foice do tempo, e golpes do despotismo*; e acrescentando o seguinte: *Eu... copiei com religião muitas vezes as proprias palavras d'esses milagres da antiguidade, que nenhum compilador, nenhum expositor, nenhum commentador, nenhum juiz, nenhum escriptor enfim se atreveu a alterar ainda, apesar das muitas e repetidas revoluções sociaes*. (*Dedicatória do Codigo Commercial a S. M. I. o senhor D. Pedro Duque de Bragança*.)

mais barateiro para os domesticos do reino.» (2)
 — Quanto tempo não foi necessario, para que entrasse na convicção dos povos e dos governos uma verdade que hoje nos parece de simples instituição, — e vem a ser, que o interesse par-

ticular, movendo-se com inteira liberdade, satisfaz a todas as exigencias economicas dos povos!

— No artigo immediato proseguiremos nos apontamentos que enectámos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



Babylonia

Babylonia, como muitas outras cidades do Oriente, está, a respeito das nossas cidades modernas, em relação desproporcionada da gigantesca Asia, com a nossa severa e pequena Europa. Assim, para não accusar de exageração o que os historiadores nos referem da sua grandeza, é preciso recordar o logar da scena e pensar que ainda hoje, n'esta vasta parte do mundo, existe tal capital tres vezes populosa como Paris. Se é verdade o que os viajantes inglezes contam, Pekin e Nankin pódem fazer comprehender as antigas cidades de Babylonia e de Ninive.

Attribue-se a fundação da Babylonia aos primeiros descendentes de Noé; Nemrod engrandeceu-a, pouco mais ou menos, antes de Jesus-Christo; mas devemos sobretudo os embelleamentos a Semiramis, que, no anno 1900, a fez cercar por uma muralha de 365 estadios, por ser o numero de dias do anno solar, e a Nabuchodonosor e a sua filha Nitocris de 600 a 562. Era situada n'uma vasta planicie extremamente fertil e regada pelo Euphrates. Este rio banha as fronteiras da Syria, uma parte pelo lado da Asia Menor e por outra parte na Armenia e vae lançar-se no golfo Persico, que era então o centro das mais activas operações entre a Asia Occidental, a Ethiopia e o interior da Africa. Babylonia tornou-se o centro de todo o commercio.

Esta cidade, segundo Herodoto, formava um

quadrado perfeito, do qual cada lado tinha 120 estadios, isto é, seis leguas. As muralhas tinham 75 pés de espessura e 300 de altura, e eram construidas de tijollos grandes cimentados com betume, especie de licor espesso e glutinoso que sae das entranhas da terra n'aquelle paiz, e que adhire mais solidamente que a argamassa, e que se torna mais duro que o tijollo e a pedra a que serve de cimento.

As muralhas eram cercadas por um vasto fosso cheio d'agua e revestido de tijollos dos dois lados. Cada lado do quadrado tinha vinte e cinco portas de bronze, e entre estas portas e nos angulos de cada quadrado havia muitas torres que excediam dez pés acima das muralhas.

As vinte e cinco portas de cada lado do quadrado seguiam-se ruas que terminavam no lado opposto, de sorte que tinha cincoenta ruas cortadas a angulos direitos. As ruas eram guarnecidas de casas de tres e quatro andares, e cujas frentes eram ornadas com diferentes embelleamentos. O predios tinham todos um intervallo entre si, como em Roma, e havia tambem grande distancia entre os predios e as muralhas da cidade; por isso Babylonia, era muito grande na apparencia. Perto de metade da cidade estava occupada com jardins e terras que fabricavam e semeavam, como nos refere Quint-Cursio.

Nota-se ainda que as muralhas eram mais altas que as torres da igreja de Nossa Senhora de Paris, que apenas tem 204 pés, mas é preciso dizer que ellas faziam a admiração da antiguidade.

(2) *Arte e Dictionario do Commercio, e Economia Portugueza*. Lisboa. 1784.

de collocando-as no numero das maravilhas do mundo, admiração que sem duvida era excitada por alguma coisa extraordinaria.

Diz-se que depois da ruina de Ninive por Nabopolasser, Babylonia era a unica cidade de Mesopotamia antes das conquistas dos macedonios, tudo o mais não eram senão aldeias n'este bello paiz; era pois necessario que as pessoas de alguma consideração tivessem casas em Babylonia, e é por isso que Aristoteles disse que era menos uma cidade, senão um povo inteiro, encerrado dentro de muralhas, e que aquelle circuito merecia tanto o nome de cidade como o Peloponese, se igualmente o cercassem de muralhas.

O Euphrates atravessava Babylonia pelo centro e dividia-a em duas partes. Todos os trabalhos, objecto de admiração dos entendedores, tinham mais de util que de magnificente. Com a approximação do estio o sol desfazia a neve e a agua abundava de tal modo nos mezes de junho, julho e agosto, que entrando no Euphrates o fazia trasbordar. Para remediar este inconveniente construíram dois canaes artificiaes, para conduzir aquellas aguas ao Tigre.

Foi necessario pôr Babylonia ao abrigo das inundações, por isso Nabuchodonosor e sua filha, no anno 600 antes de Christo, fizeram construir um prodigioso dique de tijollos cimentados com betume dos dois lados do rio, para o conter no seu leito. O dique estendia-se desde o começo dos canaes artificiaes até á cidade e um pouco acima. Em frente das ruas que confinavam com o rio, tinham collocado pequenas portas de bronze, que estavam abertas só durante o dia.

Para executar todos estes trabalhos foi preciso desviar o curso do Euphrates, encaminhando-o, pelo canal Pallacopas, para um lago, que, segundo Herodoto, tinha vinte e uma leguas quadradas e trinta e cinco pés de profundidade, o qual servia para fertilisar o paiz, defendendo-o ao mesmo tempo das inundações.

As duas partes em que se dividia a cidade communicavam-se por uma ponte que tinha seiscentos e vinte e quatro pés de comprida sobre trinta de largo, cujos arcos eram de cantaria, unidos com cadeias de ferro. De cada lado elevavam-se dois palacios que se communicavam por um tunel, que construíram sobre o rio durante a secca. Pôde imaginar-se os trabalhos que custou o tunel a julgar pelos do tunel de Londres. O velho palacio dos reis de Babylonia, situado na parte oriental do Euphrates, tinha legua e meia de circumferencia, e o novo palacio situado em frente d'aquelle, do lado occidental do rio, tinha tres leguas e era cercado de uma triplé muralha.

Era n'este palacio que havia os jardins suspensos, tão admirados pelos gregos, e que eram de tal arte construídos em terrassos, que ali plantavam arvores, ainda as que mais aprofundavam as suas raizes.

Resta-nos fallar do templo de Belus, situado proximo ao antigo palacio. Este templo tão celebre na antiguidade, occupava um espaço de quatro estadios quadrados; o ambito tinha dois estadios de cada lado. No meio da sua praça elevava-se uma torre ou massiço todo de tijollo, cuja base era de quatro estadios de circumfe-

rencia e um de altura. Esta edificação, que Strabon chamou uma pyramide, e que era designada por torre de Babel, era composta de oito torres elevadas umas sobre as outras e cujo diametro ia diminuindo até á mais alta por cima da qual estava o observatorio dos astrónomos chaldeus, e o templo de Belus, que era destinado ao culto das divindades assyrias. Eram immensas as suas riquezas, tendo uma estatua de ouro massiço, riquezas que Diodoro avaliou em mais de duzentos e vinte milhões.

Os entulhos de Babylonia occupam um grande espaço de Hella e os edificios, já desertos no 1.º seculo da era vulgar, formaram collinas que a successão dos seculos tem destruido em parte. Ainda não ha muito tempo que era assumpto para largas discussões entre os sabios as inscrições dos tijollos e pedras que d'ali traziam.

UM RAPIDO OLHAR SOBRE CICERO

Este celebre orador foi o mais eloquente de todos os romanos. Se lhe compararmos Antonio, Crasso, Hortensio, facilmente decidiremos que elle, superior a todos estes grandes oradores, foi o principal, o mais radioso ornamento da tribuna romana; o primeiro homem do seu seculo!

Como Virgilio pela poesia, fez Cicero a gloria de Roma por sua eloquencia.

E não se diga que elle foi sómente grande pelos seus talentos, mas que tambem foi o mais habil politico da sua famosa nação.

Conduzido a Roma ainda na infancia instruiu-se na litteratura grega que então era um dos mais celebres estudos do seu tempo. Desde então elaborou provas de um extraordinario talento para as sciencias e para o foro. Adquiriu um tal conhecimento dos segredos da rethorica que não lhe escapavam as menores circumstancias, e foi por elles ajudado que penetrou os mais occultos mysterios da advocacia.

Obrigado a sair de Roma para se subtraír á vingança de Sylla, o mais cruel de todos os seus concidadãos, refugiou-se na Grecia, que ainda então era uma das mais civilizadas nações.

Naquella patria das sciencias estudou muito com oradores e philosophos reconhecidamente celebres. Apollonio, seu mestre, tendo ouvido um discurso que elle pronunciou em Rhodes, exclamou: «Tu serás o primeiro dos romanos por tua eloquencia, excederás até o mais eloquente dos gregos. A Grecia já vencida pelas armas do romanos, será bem depressa vencida igualmente pela eloquencia do meu discipulo. O seu talento, o maior e mais prodigioso que até hoje vi, adquirirá uma gloria illustre e atingirá na sua patria um gráo elevadissimo.»

Desempenhou successivamente os mais honrosos cargos: a questura na Sicilia, a edilidade, a pretura e finalmente o consulado em Roma.

No desempenho d'esta ultima honra mostrou que de igual modo sabia manejar habilmente a politica. Descobriu e fez prender Catalina, celebre conspirador, a quem fulminou e desmascarou com sua irresistivel eloquencia; e em premio dos seus serviços, que foram de todos os mais importantes que se prestaram á republica, foi cognominado pae da patria.

Mas é proverbio conhecido—que obrigar o pu-

blico, é obrigar ingratos—; a ingratidão é quasi sempre a recompensa dos maiores serviços. O desterro e a morte foram a recompensa dos numerosos benefícios que os romanos deviam a Cicero.

É em vão que os homens virtuosos trabalham o mais activamente que podem pelos interesses da sua patria e se dedicam generosamente á felicidade, á gloria e até á salvação dos seus concidadãos, os máos não lhe perdão nunca; os serviços de cidadãos prestantes são odiados e só servem de desafiar a cholera e a inimidade dos invejosos.

Clodio inimigo pessoal de Cicero, o mais corrompido dos cidadãos, suscita-lhe terriveis inimidades; Antonio com quem servira no consulado, persegue-o com atroz vingança; Augusto abandona-o; e Popilio Lœna, a quem elle salvára a vida, assassina-o sem piedade.

Apesar de ter dedicado todo quanto tempo pôde á causa publica, compoz todavia grande numero de obras que revelam toda a sublimidade do seu genio e do seu admiravel talento e probidade: muitos tratados da arte oratoria; um grandissimo numero de discursos; uma quantidade prodigiosa de cartas, que encantam pela variedade dos objectos, que sorprendem pela immensidade dos conhecimentos, e que tocam pela linguagem da amisade; obras philosophicas que só respiram virtude, foram o fructo da sua inexgotavel fecundidade, e provam que não deu ao repouso mais que o tempo indispensavel.

Em todas as suas obras se admira a finura do gosto, a sciencia, a arte, a invenção, a pureza, a nobreza, a elegancia e a clareza do estylo, em uma palavra todas as qualidades de um grande orador, de um excellente philosopho e de um habil politico.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

BREVISSIMA RELAÇÃO

De todas as obras existentes na Bibliotheca Publica do Porto, impressas no seculo decimo quinto.

1	Caesaris Commentaria	1469	24	Manilii Opera Romae	1484
2	Quinctiliani Institutiones.	1470	25	Antonini Archiepiscopi Florentiae Sum- mula	1482
3	Martialis Opera	1473	26	Antonini Opera	1480
4	Lascaris. De octo partibus orationis.	1470	27	Fiore di vertu.	1484
5	Id. Opera omnia graece et latine	1470	28	Biblia Sacra.	1485
6	Manilii Epigrammata.	1473	29	Licii Sermones quadragisemales.	1489
7	Philelphi Satyrae. Mediolani	1476	30	Licii. De laudibus sanctorum.	1484
8	Biblia Sacra.	1479	31	Augustini Opuscula	1484
9	Liber qui dicitur supplementum	1477	32	Thomae in Evangelistas.	1482
10	Nyder, Consolatorium timoratae cons- cientiae	1478	33	Scoti Sententiae	1481
11	Liber praedicatorum.	1476	34	Q. Curtio en lengua valencianna	1481
12	Padua. Liber praedicatorum	1476	35	Homeri Opera, Florentiae (1).	1488
13	Pisanella. Summa	1477	36	Eltini Opera.	1480
14	Diodori Siculi Opera.	1476	37	Q. Curtius. De rebus gestis Alexandri Magni.	1481
15	Quaestiones super libros Aristotelis	1477	38	Fasciculus temporum	1480
16	Alberti Magni Compendium Theologiae. Venetiis.	1476	39	Sabellici Rerum. Venetiis.	1487
17	Ambrosii Spiera Quadragisemale. Ve- netiis.	1476	40	Questiones super 12 libros Physices.	1499
18	Passani. Supplementum. Venetiis.	1474	41	Aeneae Silvii Opera	1496
19	Turrecremata. Psalterium. Moguntiae.	1476	42	Priscienni Opera.	1496
20	Rosellis. Tractatus legitimationum. Mo- guntiae	?	43	Manutii Dictionarium graecum.	1497
21	Q. Curtii Opera	1481	44	Marsil Epistolae Familiares.	1497
22	Eyb. Margarita poetica.	1487	45	Theodoretus, grammatici graeci	1495
23	Guarini, Vocabularium.	1488	46	Illustrium virorum epistolae	1499
			47	Porolti Cornucopia.	1492
			48	Poliphili hypneroton.	1499
			49	Silvii Italici Opera	1499
			50	Theocriti Idyllia.	1499
			51	Aquilani Sermones.	1482
			52	Aylliaci Liber Sententiarum	1490
			53	Expositio Canonis Missae.	1493
			54	Firmaria insignia atque praeclara.	1498
			55	Holkot. Super libros sapientiae.	1494
			56	Homiliae diversorum auctorum.	1491
			57	Koberger. Mallellm.	1494
			58	Praeceptorium divinae legis	1496
			59	Reginaldesti De sacramentis	1498
			60	Ambrosii Liber pastoralis.	1492
			61	Bernardi. Modus bene vivendi	1494
			62	Pauli Epistolae	1491
			63	Thomae Opuscula	1498
			64	Summa rosella	1490
			65	Roman del Cavall tirant blanc (2).	1497
			66	Vita Christi (3).	1495
			67	Aristotelis Opera.	1495
			68	D. Cretensis. De bello troianno.	1492
			69	Reportorium Inquisitorum	1494
			70	P. Orosius. Historiae.	1499
			71	Liber Chronicarum. Nuremberg.	1493
			72	Albertus Magnus. Opera philosophica.	1494
			73	Aristotelis Organon.	1495
			74	Burgo. Summa de arithmetica.	1494
			75	Burleus. De institutione formarum.	1496
			76	Egidii. Expositio in artem veterem.	1490
			77	Esculani. Commentarium in Porphi- rium	1491
			78	Flandria. Quaestiones super Methaphy- sicam.	1499
			79	De Anima. Venetiis	1497
			80	Jamblicus. De Mysteriis.	1497
			81	Luciani Dialogi	1496
			82	Luciani Dialogi	1496
			82	De reformatione Curiae.	1495

(1) Esta rarissima e estimadissima edição acha-se furada de lado a lado por uma bala!

(2) Esta obra foi emprestada ao sr. Salamanea, e ainda não restituída.

(3) É a celebre obra de Fr. Bernardo d'Alcobaça, em 4 volumes em folio.

83 Formularium instrumentorum	1490
84 Abynzoar. Opera medica	1493
85 Alvernia. In Aristotelem	1497
86 Bordonius. Liliun Medecinae	1491
87 Cacitani. Expositio in Aristotelem	1496
88 Destructiones destructionum Averroes	1497
89 Dini. Expositio in Avicenam	1499
90 Galeni Opera	1493
91 Laurentii Justiniani sententiae	1494
92 Montagnane Opera medica	1497
93 Serapionis Breviarium Medicum	1497
94 Fulgentius. Narrationes allegoriae	1499
95 Horatii Flacci Opera	1491
96 Ockam Dialogi	1495
97 Perminiani Opera	1497
98 Tractatus legitimationum	?
99 V. Nova Regimen Sanitatis	1480
100 Isidori Hispalensis Opera	1483
101 Ovidii Opera	1489
102 Ars generalis de logica	1480

Muitas d'estas obras são rarissimas, e com difficuldade se encontrará segundo exemplar.

M. BERNARDES BRANCO.

O THEATRO CHINEZ

O drama chinéz não se limita unicamente á accção, abraça a vida toda do heroe desde o berço até á morte. É uma especie de biographia dialogada, dividida em mais ou menos partes. Cada parte é precedida d'um prologo, e todo o actor tem o cuidado, a primeira vez que se apresenta ao publico, de declinar o nome que tem na peça e o character que tem de representar. Muitas vezes um actor representa diferentes papeis na mesma peça. Nas situações apaixonadas deixam de declamar e exprimem os sentimentos pelo canto. Uma ruidosa orchestra acompanha estes fragmentos lyricos, que são escriptos em verso, e a tragedia chinesa tem por isto alguma semelhanca com as nossas operas.

Só na capital e n'algumas cidades mais importantes do imperio ha theatros regulares. Os comediantes viajam de cantão em cantão e ganham a sua vida representando nas festas e nos banquetes. Quando uma sociedade vae para a meza, entram na sala tres ou quatro comediantes ricamente vestidos, e depois de tres saudações as mais humildes, um de entre elles entrega ao mais distincto dos convivas, um livro onde estão escriptos a ouro os titulos de cincoenta ou sessenta peças que formam o repertorio da companhia. Este livro corre a roda de toda a sociedade e finalmente o chefe do banquete designa a peça escolhida.

A representação tem logar na mesma sala do banquete. Os actores occupam o espaço comprehendido entre as mezas, ordinariamente collocadas em dois renques.

Nas grandes festas e procissões publicas levantam theatros nas ruas e dão espectáculo desde manhã até á noite.

Um escriptor chinéz que gose de certa reputação não escreve para o theatro. O imperador Jnuschden prohibio severamente os mandarins de frequentar os espectaculos. Esta prohibição foi recentemente renovada, e o official manschou que quer ir ao theatro, tira primeiro do bonet os pequenos guisos de cõr que são o distinctivo da sua graduação.

Os jornaes chinezes compendiam todos os actos que honram os costumes e o character da nação; mas o jornalista que emprehendesse descrever qualquer representação dramatica, ou fizesse a menor allusão ao acolhimento de uma peça nova, expor-se-hia a penas mui severas.

NO PARQUE

(Fragmento dum poema inedito)

TASSO, escrevendo:

Vem, ó sol da minha alma, vem, Leonora,
sentar-te ao pé de mim:
sem ti, é triste, é ermo o teu jardim,
e eu... noite sem aurora!

Vem! a tarde deslisa tão serena!
é tão azul o céu!

Vem, vem unir o casto seio teu
ao meu que tanto pena!

Andam-me ás vezes na alma uns sons tão vagos!

¿quem sabe o que serão?
São gorgeios de cisnes, que se vão
boiando sobre lagos!

Porque não has-de ouvir-me as harmonias
que o genio segredou?

Acaso não és minha? e teu não sou?
Vem, astro dos meus dias,

vem, flor de neve, lirio immaculado,
formosa sem senão,
nota solta das harpas de Sião,
meu sonho o mais doirado!

Vem, ó Collo de garça, maravilha
das obras do Senhor!

Eu gemo e canto, só por ti, amor...
Vem escutar-me, filha!

LEONOR, aproximando-se:

¿Que sonhas nesta hora?
¿Que escreves, meu poeta?

TASSO:

Sonhos de borboleta!...
visões de quem te adora!

LEONORA:

E sempre triste, amigo!
humida sempre a face!
Antes que o dia passe,
quero sorrir contigo!

.....
.....
É para quê tristezas?—Ergue a fronte,
e não descreias já do teu futuro!

¿Vês além no horisonte
aquella nuvensinha rarefeita, —
e se estira por esse céu tão puro?
É assim a tristeza! — agora estreita
o coração num circulo de fogo;
mas, sopra o vento, e logo
é tudo um mar de rosas, onde os olhos
não divisam recifes nem escolhos...

Eis-me agora ao teu lado, terno amigo!
Porque não cantas tu? o amor é vida!
—Esconde-me essa lagrima sentida,
e canta agora! eu cantarei contigo!

Coimbra 1868.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.